

# **A aceleração social, a fadiga de ser si mesmo e a fenomenologia da depressão**

Fabio Caprio Leite de Castro

## **RESUMO:**

O presente artigo procura estabelecer um diálogo com os renovados estudos fenomenológicos no campo da depressão, considerando a possibilidade de aproximação interdisciplinar entre as ciências sociais e a psicopatologia, tendo por base a orientação filosófica da escola fenomenológica. Como ponto de partida, propõe-se uma análise das obras de Hartmut Rosa e Alain Ehrenberg, especialmente acerca da aceleração social e do individualismo, a fim de mostrar como podemos interpretar a depressão desde uma perspectiva macrosocial. Depois disso, o objetivo é aprofundar o aspecto central da depressão enquanto patologia do tempo. A questão foi tradicionalmente abordada no campo da psicopatologia fenomenológica desde a primeira geração de psiquiatras fenomenólogos. O que se pretende colocar em relevo nesse ponto é a inovadora concepção de Thomas Fuchs acerca do adoecimento depressivo a partir da temporalidade e da intersubjetividade.

**Palavras-chave:** depressão; aceleração; individualismo; temporalidade.

## **ABSTRACT:**

This article seeks to establish a dialogue with renewed phenomenological studies in the field of depression, considering the possibility of an interdisciplinary approach between the social sciences and psychopathology, based on the philosophical orientation of the phenomenological school. As a starting point, we propose an analysis of the works of Hartmut Rosa and Alain Ehrenberg, especially about social acceleration and individualism, in order to show how we can interpret depression from a macrosocial perspective. After that, the goal is to deepen the central aspect of depression as a pathology of time. The issue has traditionally been addressed in the field of phenomenological psychopathology since the first generation of phenomenological psychiatrists. What is intended to be emphasized at this point is Thomas Fuchs' innovative conception of depressive illness based on temporality and intersubjectivity.

**Keywords:** depression; acceleration; individualism; temporality.

## **RESUMEN:**

Este artículo busca establecer un diálogo con estudios fenomenológicos renovados en el campo de la depresión, considerando la posibilidad de un enfoque interdisciplinario entre las ciencias sociales y la psicopatología, basado en la orientación filosófica de la escuela fenomenológica. Como punto de partida, proponemos un análisis de los trabajos de Hartmut Rosa y Alain Ehrenberg, especialmente sobre la aceleración social y el individualismo, para mostrar cómo podemos interpretar la depresión

desde una perspectiva macrosocial. Después de eso, el objetivo es profundizar el aspecto central de la depresión como una patología del tiempo. El tema se ha abordado tradicionalmente en el campo de la psicopatología fenomenológica desde la primera generación de psiquiatras fenomenológicos. Lo que se pretende destacar en este punto es la concepción innovadora de Thomas Fuchs de la enfermedad depresiva basada en la temporalidad y la intersubjetividad.

**Palabras llave:** depresión; aceleración; individualismo; temporalidad.

### Introdução

O estudo do adoecimento do tempo vivido conferiu notoriedade e relevância à abordagem fenomenológica em psicopatologia. Não é à toa que a fenomenologia tem recebido renovados impulsos advindos de múltiplas orientações, tanto em psiquiatria como em psicopatologia, especialmente a partir do conhecido aumento de números de casos de depressão. Nos últimos anos, ocorreram ao menos dois encontros internacionais que marcaram o cenário da pesquisa fenomenológica no campo da psicopatologia e que lhe trouxeram uma renovação. O primeiro deles foi o Colóquio *O sujeito sobrecarregado (Das überforderte Subjekt)* realizado em outubro de 2015 em Heidelberg, que originou o volume homônimo publicado três anos depois (Fuchs; Iwer; Micali, 2018). Depois disso, em dezembro de 2017 foi realizado o Colóquio *Psicopatologia fenomenológica (Psychopathologie Phénoménologique)* em Liège, que reuniu diversos pesquisadores do campo e gerou igualmente um livro marcante para o cenário da pesquisa na área (Englebert; Cormann; Adam, 2019a e 2019b).

O presente artigo apresenta uma abordagem da depressão em diálogo com os renovados estudos fenomenológicos, considerando a possibilidade de aproximação interdisciplinar entre as ciências sociais e a psicopatologia, com base na orientação filosófica da escola fenomenológica. No campo das ciências sociais que se volta para o indivíduo e o seu adoecimento, é cada vez mais presente o estudo da depressão e das patologias do vazio. É o que podemos encontrar nas obras de Hartmut Rosa e Alain Ehrenberg. Não obstante as distintas orientações metodológicas adotadas por estes sociólogos, há um ponto no qual as suas investigações se encontram. Rosa defende a hipótese de que a Modernidade tardia ultrapassou um ponto crítico da aceleração social que seria, na verdade, a característica central da própria modernização. Entre as várias consequências da aceleração social

o sociólogo menciona a depressão enquanto patologia do tempo. Para Ehrenberg, o surgimento, a diversificação e o grande número de casos de depressão estariam relacionados a um modelo discursivo cujas imagens ideais foram pouco a pouco se tornando um imperativo individualista de como cada um deve se tornar si mesmo através de uma pedagogia de massa. São essas duas teorias que se pretende colocar primeiramente em relevo, com o objetivo de contextualizar o problema da depressão na contemporaneidade.

Dado esse passo, o objetivo seguinte será aprofundar o aspecto central da depressão sob a perspectiva fenomenológica que é o de ela poder ser considerada uma patologia do tempo. A questão foi tradicionalmente abordada no campo da psicopatologia fenomenológica desde a primeira geração de psiquiatras fenomenólogos. O que se pretende colocar em relevo nesse ponto é a inovadora concepção de Thomas Fuchs acerca do adoecimento depressivo a partir da temporalidade. Para tanto, são retomados três aspectos que Fuchs desenvolveu em alguns de seus artigos ao longo dos últimos 20 anos: (a) a distinção entre o tempo implícito e o tempo explícito (Fuchs, 2005); (b) a descrição da continuidade básica do fluxo de consciência e do momento afetivo-conativo da consciência (Fuchs, 2013); (c) a distinção entre temporalidade circular e linear. A partir dessas considerações, espera-se colocar em relevo a dimensão de intersubjetividade implicada na patologia do tempo depressivo.

### A aceleração social e o cansaço de ser si mesmo

O ponto inicial de nossa abordagem propõe uma interrogação sobre o surgimento de psicopatologias como a depressão, que se tornaram amplamente presentes em nossa sociedade. Já em 1962, quando da publicação do livro *Angústia, culpa e libertação*, o psiquiatra suíço Medard Boss parecia adivinhar que a “neurose do tédio” ou “neurose do vazio” se tornaria “a forma de neurose do futuro imediato” (Boss, 1981, p. 17). Com efeito, o aumento progressivo do número de casos clínicos de depressão levou a intensos debates nos anos 1970 e teve uma primeira resposta através do modelo neo-kraepeliano de manual diagnóstico adotado pelo DSM-III (Spitzer, 1980). A terceira versão do DSM teve um grande impacto na clínica e produziu importantes efeitos na disputa pelo domínio do campo nosológico e metodológico da psicopatologia diagnóstica (Ehrenberg, 1998). Embora o tema da normatividade psicodiagnóstica seja de grande relevância para a compreensão do jogo de forças

que opera na definição científica de um transtorno, o ponto que se pretende abordar é porque a depressão, que antes aparecia em casos psiquiátricos específicos, com o nome de melancolia “depressiva” ou “depressão melancólica”, passou a se manifestar através de uma “heterogeneidade extrema e universalidade máxima” (Ehrenberg, 1998, p. 97-98). Nesse sentido, a questão que interessa colocar em relevo nesse primeiro ponto se relaciona ao contexto sociocultural no qual emergiram as patologias do vazio, entre elas o adoecimento depressivo, e se tornaram um traço marcante de nossa sociedade globalizada. No estado da arte desse tema, já existem diversos estudos, especialmente nas ciências sociais, com diferentes metodologias, que podem auxiliar na compreensão macrossocial desse fenômeno. Entretanto, há dois estudos que ganharam destaque e se tornaram uma referência acerca das condições que levaram à profusão de adoecimentos como a depressão na contemporaneidade: a sociologia da aceleração de Hartmut Rosa (2016, 2019) e a antropologia crítica do indivíduo comum de Alain Ehrenberg (1991, 1995, 1998). São essas duas obras que se pretende submeter à análise.

Ao longo dos últimos 20 anos Hartmut Rosa consolidou uma perspectiva sobre a modernidade tardia através de uma investigação sociológica acerca da aceleração. Em 2005, ele publicou o livro, recentemente traduzido para o português, *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade* (2019), no qual ele apresenta uma construção sistemática que se vale de diversas metodologias sociológicas, com o objetivo de sustentar uma hipótese extremamente instigante em sociologia, segundo a qual “a experiência de modernização é uma experiência de aceleração” (Rosa, 2019, p. 44), de tal modo que a aceleração social constitutiva da Modernidade “ultrapassa um ponto crítico na ‘Modernidade Tardia’, além do qual não se pode mais preservar a ambição de sincronização da sociedade como um todo e da integração social”. (Rosa, 2019, p. 42). Trata-se de uma hipótese ousada, mas que o sociólogo sustenta com profundidade, tendo consciência de que, antes de oferecer posicionamentos acerca da aceleração é necessário defini-la, através das diferentes modalidades aceleratórias, em uma fenomenologia da aceleração, bem como apresentar as suas causas e as suas consequências. Para Rosa, somente a análise das ciências sociais pode responder propriamente “a pergunta a respeito de quais categorias de análise são mais instrutivas

para se compreender e esclarecer a dinâmica de desenvolvimento estrutural e cultural da Modernidade”. (Rosa, 2019, p. 44).<sup>1</sup>

Antes de tudo, para que possamos sustentar que a modernização é uma experiência de aceleração, é necessário definir propriamente o que a aceleração significa. Para tanto, Hartmut Rosa tem o cuidado de destinar todo o primeiro capítulo do livro *Aceleração* (2019) para o esclarecimento metodológico de como ele pretende oferecer uma teoria sistemática da aceleração e de como ele pretende definir os diferentes tipos de fenômeno aceleratório e inerciais. A sua metodologia vale-se de pelo menos quatro núcleos teóricos, procurando sistematizar os achados provenientes sobre a diferenciação e o paradoxo da desintegração no *modelo estrutural funcionalista*; a racionalização e o paradoxo da erosão dos recursos do sentido no *modelo da sociologia compreensiva*; a individualização e o paradoxo da massificação no modelo da *sociologia formal*; a domesticação e o paradoxo da catástrofe ecológica através do *modelo da sociologia dialético-crítica* (Rosa, 2019, p. 94-124). A tarefa metodológica para Rosa consiste justamente em mostrar como todos esses modelos sociológicos clássicos, de alguma forma, já tematizavam e problematizavam o tema do tempo, embora não tenham reconhecido nele o eixo central daquilo que nos permite distinguir e definir a Modernidade. Tomando por base o conceito de aceleração com sua sustentação física e não apenas de modo vago ou intuitivo, é possível definir a aceleração como “aumento da quantidade por unidade de tempo” (Rosa, 2019, p. 129). Desde essa definição básica, é possível classificar modos diversos de aceleração, a partir (1) da aceleração intencional dirigida a um objetivo, (2) das taxas de transformação social aumentadas e (3) da intensificação do ritmo de vida. Trata-se de modos diferentes de produção de aceleração, uma vez que eles podem operar tanto no aumento da velocidade de um desempenho técnico, quanto no aumento do número de episódios ou ocorrências. A classificação da aceleração através dessas três formas oferece a estrutura categorial para o que Rosa chamou de uma “fenomenologia da aceleração”.

O estudo dos fenômenos aceleratórios é subdividido por Rosa nos três grandes grupos indicados, que lhe fornecem a base para a descrição da aceleração técnica, da aceleração da mudança

---

<sup>1</sup> Hartmut Rosa constrói a sua hipótese teórica com prudência analítica e conceitual, de modo sistemático, procurando fundamentá-la a partir de volumosos dados empíricos objetivos. Nesse sentido, a nosso juízo, ela se mostra muito superior às abordagens do chamado “aceleracionismo”, que oferecem análises sobre a aceleração no mundo contemporâneo, de modo vago, a partir do neoliberalismo ou de uma ênfase estética, arriscando-se a prognósticos e abordagens com caráter normativo. [Cf., por exemplo: Noys (2013); Williams; Srnicek (2014); Shaviro (2015)].

social e da aceleração do ritmo de vida (Rosa, 2019, p. 189-298). Das três categorias, certamente a aceleração técnica é a mais objetiva e pode ser descrita a partir de três núcleos centrais: o transporte, a comunicação e a produção, que expressam respectivamente as transformações da relação com o espaço, a sociedade e as coisas. Já a categoria da aceleração da mudança social pode ser objetivamente descrita e estudada pelo número de episódios, como as mudanças de profissão, de partido político, de parceiro sexual, de estruturas familiares, de associação, de estilos artísticos etc., em um período de tempo. Por fim, a aceleração do ritmo de vida diz respeito a fenômenos cada vez mais presentes em um estilo social e cultural no qual se intensificam a velocidade dos mais diversos tipos de ações e interações, como *fast-food*, *speed dating*, *power-map*, *multitasking* etc. Com base nessa classificação categorial, fica mais clara a hipótese formulada pelo sociólogo alemão.

A hipótese central da presente investigação é, assim, que a sociedade moderna pode ser entendida como ‘sociedade da aceleração no sentido de que ela contém em si (através de inúmeros pressupostos estruturais e culturais) uma junção de ambas as formas de aceleração – a aceleração técnica e a intensificação do ritmo de vida através da redução de recursos temporais – e da tendência à aceleração e ao crescimento’. (Rosa, 2019, p. 135).

Com base em sua fenomenologia da aceleração, construída a partir da classificação da aceleração em três categorias distintas, Hartmut Rosa procura investigar as causas desses processos aceleratórios que definiram a Modernidade clássica e chegaram a um limite na Modernidade tardia. Fundamentalmente, existem dois impulsionamentos da aceleração social: o interno, ou seja, o círculo aceleratório, e as forças motrizes externas. O impulso interno é designado pelo fato que cada uma das formas aceleratórias impulsiona as demais formando um processo autopropulsor: a aceleração do ritmo de vida leva um esgotamento dos recursos temporais, demandando por alívio, que é proporcionado pela aceleração técnica, o qual, por sua vez, gera a aceleração das mudanças sociais, que impõem maior velocidade ao ritmo de vida, fechando assim uma engrenagem circular. (Rosa, 2019, p. 301-318). Para cada uma das três formas de aceleração, no entanto, existem também as forças motrizes externas que intensificam o processo. A aceleração técnica é impulsionada pelo motor econômico, pelo famoso “tempo é dinheiro” e pelo imperativo de lucro (Rosa, 2019, p. 323). A aceleração do ritmo de vida é impulsionada pelo motor cultural e pela promessa da aceleração, no sentido de viver mais intensamente, o máximo possível, para assim “gozar em ritmo acelerado” (Rosa, 2019, p. 365). Por fim, a aceleração da mudança social é impulsionada pelo motor socioestrutural, no

qual a diferenciação funcional termina por impulsionar a aceleração social, gerando uma pressão temporal entre as esferas, de tal modo que as organizações e instituições se tornam “vorazes” e levantam reivindicações temporais “totais” (Rosa, 2019, p. 387).

Ocorre que os impulsionamentos dos processos aceleratórios conduziu a aceleração social a ultrapassar um ponto crítico na Modernidade tardia. Os efeitos dessa ruptura podem ser sintetizados pelas experiências de compressão do espaço, simultaneidade e tempo atemporal. Aquilo que na Modernidade se produzia como temporalização da vida entra em conflito com a temporalização do tempo. “Temporalização do tempo significa, portanto, a revogação da temporalização da vida enquanto um projeto temporalmente extenso”. (Rosa, 2019, p. 470). Seria possível designar os efeitos, as consequências da aceleração, nisso que o autor chama de “temporalização do tempo”? São fundamentalmente três os pontos levantados por Rosa a esse respeito. Uma das consequências é o que se chama habitualmente (porém sem qualquer consenso) de “Pós-modernidade”, em referência ao amolecimento das instituições e à vida social liquefeita (Rosa, 2019, p. 435, 426). Na esfera da construção da identidade, ou seja, no campo individual, Rosa propõe que a identidade no sentido clássico se transformou em uma “identidade situacional”, ou seja, uma identidade complexa e à deriva, que sofre pressões múltiplas de todos os lados. É o que alguns filósofos e sociólogos descreveram como uma espécie fragmentação, pluralização e multiplicação do “eu”, bem como um fascínio pelo “eu sou muitos” e pelas formas flexíveis (Rosa, 2019, p. 484). No entanto, tais efeitos se fazem sentir também em um horizonte mais amplo, em larga escala, no próprio exercício da política e na cultura. É o que Rosa chama de “destemporalização da história” como um efeito da simultaneidade provocado pela alta velocidade dos acontecimentos, o que termina por produzir uma paralisia frenética, sendo esse o verdadeiro sentido do que alguns autores erroneamente chamaram de o “fim da história”.

Como podemos compreender a depressão entre os efeitos e consequências da aceleração social? Segundo Rosa, as patologias do tempo emergem e se tornam cada vez mais comuns precisamente em uma sociedade que atingiu o ponto crítico de aceleração. A depressão produz-se culturalmente no plano individual das identidades situacionais. Podemos interpretar a depressão a partir de duas importantes passagens do livro de Hartmut Rosa. Inicialmente, podemos descrever a depressão em sua relação com as “categorias de inércia”. Nem tudo é aceleração em nossa sociedade. Para Rosa, é preciso delimitar e descrever o que ele chama de “categorias de inércia”, sendo uma

delas a “lentificação como efeito colateral disfuncional”.<sup>2</sup> Ou seja, antes de mais nada, para o sociólogo alemão, a depressão configura-se como um efeito disfuncional colateral da própria cultura do déficit de atenção.<sup>3</sup> O que se entende no caso da depressão por “disfuncional” é justamente o fato de que ela se configura como uma reação patológica. “As pesquisas mais recentes encontram mais e mais evidências de que adoecimento depressivos podem ocorrer como uma reação patológica à pressão aceleratória social” (Rosa, 2019, p. 166). Esse tipo de disfuncionalidade pode ser pensado de forma ampliada, por exemplo, através da exclusão de trabalhadores da vida profissional, na medida em que os motivos estruturais estejam ligados a um aumento da velocidade e da produtividade no processo de produção, de tal modo que os trabalhadores não “conseguem acompanhar o alto ritmo da atividade e inovação exigido na economia, resultando assim em uma extrema desaceleração (indesejada) sob a forma de desemprego” (Rosa, 2019, p. 166-167).

Em uma segunda passagem em que o sociólogo examina o tema da depressão, mais ao final do livro *Aceleração*, ele retoma a relação entre a depressão como patologia do tempo. “A depressão pode sem dúvida ser compreendida como uma patologia temporal”. (Rosa, 2019, p. 499). A depressão é uma patologia temporal em diversos sentidos possíveis, seja como uma consequência da pressão temporal indesejada, seja como uma reação psíquica caracterizada pela sensação de um tempo viscoso e paralisado e de uma ausência de futuro. (Rosa, 2019, p. 499-501). Dessa forma, ela se torna a “patologia da Modernidade Tardia”, não apenas por sua ocorrência crescer claramente e, o que parece historicamente novo, acometer cada vez mais jovens, mas ainda mais fortemente pelo fato de “parecer incorporar e confirmar aqui, da perspectiva da identidade situacional, a experiência temporal da paralisia frenética em uma forma puramente patológica”. (Rosa, 2019, p. 501).

Nesse ponto, a abordagem de Rosa encontra a tese de Alain Ehrenberg, tal como ela foi apresentada em *A fadiga de ser si mesmo* (1998), segundo a qual a depressão deixa de ser uma patologia individual de “indivíduos sensíveis”, como era a melancolia, para se precipitar, estrutural e ineludivelmente, em uma experiência comum. “Depressão é a melancolia em uma sociedade na qual todos são iguais e livres, é a doença da democracia e da economia de mercado por excelência”

---

<sup>2</sup> Além da lentificação como efeito colateral disfuncional, as demais categorias de inércia são “os limites de velocidade naturais”, “as ilhas de desaceleração”, “as formas de desaceleração intencional (a ideologia e a desaceleração como estratégia de aceleração)” e o “enrijecimento estrutural e cultural”. (Rosa, 2019, p. 159-178)

<sup>3</sup> Entendemos que a expressão “cultura do déficit de atenção”, utilizada por Christoph Türcke (2016) poderia ser empregada aqui em uma aproximação com o pensamento de Hartmut Rosa.

(Ehrenberg, 1998, p. 124). Por um caminho metodológico diverso daquele que foi percorrido por Hartmut Rosa, a obra de Alain Ehrenberg termina desembocando no tema depressão e do mal-estar através de uma profunda análise do individualismo na sociedade contemporânea. A trilogia que leva Alain Ehrenberg ao estudo da depressão – *O culto da performance* (1991), *O indivíduo incerto* (1995) e *A fadiga de ser si mesmo* (1998) – tornou-se uma referência entre os estudos sociológicos sobre o tema.<sup>4</sup>

Quando em 1991 Alain Ehrenberg publica *O culto da performance*, ele inicia uma nova etapa de sua pesquisa, especialmente no campo do estudo do individualismo na sociedade francesa contemporânea. O seu método consiste em interrogar sobre as transformações culturais impulsionadas pelo neoliberalismo e as mídias de massa nos anos 1980. Segundo seu estudo, ocorre nesse período na França o que ele chama de uma generalização da competição e da concorrência. Efeito disso será a crise neoindividualista do modelo republicano, com uma mudança do estilo de existência, através do qual os indivíduos passam a ser os “empreendedores da própria vida”. (1991, p. 13). *O indivíduo performático*, em sua versão empreendedora, invade a paisagem do imaginário social através de figuras como o “combatente”, o “líder”, o “aventureiro” e o “conquistador”. Ocorre então uma profusão dessas imagens e desse discurso através de uma pedagogia de massa em todos os níveis da sociedade, através da produção de imagens da vida e de ação que deveriam ser adotados por qualquer um. Evidentemente, a obrigação de que cada um seja único, sob a condição de ser semelhante aos demais provoca um paradoxo, que é típico dos costumes democráticos contemporâneos. Ehrenberg propõe uma descrição de três esferas ilustrativas de como a ação individual se tornou a referência na sociedade contemporânea: a competição esportiva, o consumo de massa e a concorrência econômica. A partir da observação e do estudo de exemplos, Ehrenberg segue uma metodologia que permite fazer emergir pouco a pouco a figura do “indivíduo qualquer” que, ao mesmo tempo, toma para si o ideal de ser o vencedor, o líder e aquele que se faz a si mesmo.

Com base no estudo dessas figuras, Ehrenberg segue o seu percurso no volume *O indivíduo incerto*, no qual ele solidifica a sua pesquisa sobre a influência da tecnologia televisiva na propagação dos padrões de consumo e ideais de felicidade, assim como sobre as zonas de confusão entre o público e o privado. Uma vez que o indivíduo submetido a esses ideais encontra também a

---

<sup>4</sup> Para uma análise detalhada do desenvolvimento da obra de Ehrenberg desde os anos 1980 até seus escritos mais recentes, ver: Castro, 2019.

possibilidade do consumo de drogas para restaurar a sensação de ser si mesmo, torna-se esse ponto igualmente central na investigação do sociólogo francês. São, portanto, o consumo de drogas como restaurador da sensação de si e a programação televisiva como canal de reconstrução da imagem de si que se tornam os dois grandes núcleos de pesquisa do que Ehrenberg chamou de “indivíduo incerto”. Na sequência ao modelo antropológico que havia colocado em relevo as figuras da competição, do consumo e da concorrência em *O culto da performance*, desta vez Ehrenberg se vale de uma abordagem sociológica para observar e descrever as mudanças de relação entre público e privado em um mesmo imaginário coletivo.

A progressiva aproximação de Ehrenberg ao campo da saúde, por conta do estudo da história da psicofarmacologia, dos discursos e políticas sobre o uso de drogas, lícitas e ilícitas, conduziu-o ao outro lado do discurso e do ideal do individualismo contemporâneo: a impotência diante da impossibilidade de atingir esse ideal. É desde essa ênfase, advinda do estudo sociológico dos costumes democráticos e consumistas, que Ehrenberg escreveu *A fadiga de ser si mesmo*, concentrando-se sobre uma questão central para a definição dos contornos do indivíduo contemporâneo: a *depressão*, que se encontra na encruzilhada entre a nova perspectiva psiquiátrica sobre os transtornos de humor e as profundas mudanças normativas em nossos modos de vida. (Ehrenberg, 1998, p. 10). São fundamentalmente duas as suas hipóteses de investigação nesta obra: sobre o lugar tomado pela depressão em favor das transformações normativas desde a Segunda Guerra e sobre o papel da depressão nas mutações da individualidade patológica nesse mesmo período. Ocorre segundo Ehrenberg que as patologias se expressam de maneira distinta, do mesmo modo como o indivíduo se refere a si mesmo. Relativizando-se o interdito, o indivíduo ganha imaginariamente o direito de escolher sua vida. Assim, a norma não está mais fundada na culpabilidade e na disciplina, mas na responsabilidade e na iniciativa de ser si mesmo (1998, p. 13-14). Ehrenberg adentra mais explicitamente no campo da saúde, da psicologia social, da psicopatologia e da psicanálise, o que lhe permite aprofundar os aspectos sociais da depressão, que Hartmut Rosa menciona em seu livro como uma das consequências da aceleração social. Por outro lado, a obra de Rosa faz emergir o aspecto temporal da depressão e sua relação com a aceleração social.

É possível ler as obras de Alain Ehrenberg e Hartmut Rosa de modo complementar, considerando que as temáticas exploradas, os contextos de análise, os métodos e problemas terminam encontrando-se no tema da depressão em nossos dias. Para Ehrenberg, ela deriva de um discurso que

envolve um fazer político e econômico em torno de um modelo individualista voltado para o consumo e para a flexibilização das normas. Para Rosa, a depressão apresenta-se como uma das consequências disfuncionais da aceleração social que ultrapassa um ponto crítico na Modernidade tardia, mostrando-se como uma patologia do tempo. Ambos os autores assinalam, por vias diferentes, a transformação do modo como o indivíduo contemporâneo constrói a sua identidade, seja pela indeterminação, incerteza e flexibilização (Ehrenberg, 1998), seja como identidade situacional (Rosa, 2019), sendo esse aspecto uma dimensão crucial para a compreensão do progressivo aumento do número de casos de depressão em nossa sociedade.

### Dessincronização e perda de ressonância na depressão

A partir da análise produzida no primeiro ponto, o que doravante se pretende explorar é a dimensão psicopatológica da depressão desde uma perspectiva fenomenológica, ou seja, aprofundando a descrição do adoecimento depressivo a partir do seu traço essencial, enquanto patologia do tempo. Esse traço foi certa vez identificado por um paciente de Eugène Minkowski, que se qualificava a si mesmo como um “doente do tempo” – *malade tu temps* (1995, p. 315). A tradição da psiquiatria fenomenológica do século XX aproximou-se muito cedo da temática da temporalidade, inclusive percebendo nela a chave possível para uma descrição da vivência da depressão melancólica. Apesar das múltiplas diferenças possíveis entre os psiquiatras que trabalharam no campo da psicopatologia fenomenológica, há um consenso entre eles de que a alteração da vivência do tempo configura o núcleo da vivência depressiva. A depressão instala-se no contraste entre o tempo do eu e o tempo do mundo (Straus, 1960), afeta o movimento basal da vida em seu poder-ser (Gebattel, 1969), dissolve o sincronismo vivido (Minkowski, 1995), altera a retrospectiva e prospecção da consciência (Binswanger, 1987), produz uma estagnação da vida mental (Tellenbach, 1974) e uma experiência de depressividade (Tatossian, 2012). Ora, se a depressão é vivida sob a forma de uma pressão aceleratória social, ou seja, uma pressão de tempo, como assinala Hartmut Rosa (2019, p. 166), é a psicopatologia fenomenológica que possui as melhores ferramentas para descrever o sentido de uma tal pressão, como uma espécie de constrição afetiva *para baixo*, enquanto afetividade depressiva que pesa e oprime, sob a forma de perda de ressonância corporal.

A descrição fenomenológica do tempo vivido talvez seja a maior contribuição da psicopatologia fenomenológica para a compreensão da depressão, não apenas por explicitar a conexão

entre os diversos aspectos que estão em jogo na depressão. Mais recentemente, Georges Charbonneau reconhece que há um núcleo temporal na depressão melancólica (2010, p. 133-135). Também Matthew Ratcliffe sinaliza que as mudanças existenciais no âmbito da vivência depressiva implicam a experiência do tempo de alguma forma (2015, p. 174). A possibilidade de uma descrição fenomenológica do tempo vivido na depressão ganhou nos últimos anos uma renovação e um maior impulso a partir da nova direção de análise desenvolvida por Thomas Fuchs. É esta a abordagem que será tomada como referência da análise que segue.

A pesquisa desenvolvida por Fuchs nas últimas décadas elege como uma de suas questões essenciais o tema da temporalidade (2005, 2013a, 2018, 2019a). Tomando aspectos relevantes da depressão, como a afetividade depressiva e a perda de ressonância do corpo com o ambiente, seguindo as análises de Fuchs, somos convencidos de que o núcleo central dessas questões envolve a dessincronização temporal, a qual em última instância remete à intersubjetividade. A fim de colocar em relevo essas implicações, analisaremos (a) a relação entre o tempo implícito e o tempo explícito; (b) os dois requisitos do tempo implícito: o fluxo e o momento afetivo-conativo; (c) a relação entre o tempo cíclico e o tempo linear na composição da sincronização intersubjetiva.

O ponto de partida da abordagem de Fuchs sobre a temporalidade é a distinção entre o *tempo implícito* e o *tempo explícito* (2005, 2013 e 2019). Com essas noções, Fuchs situa a sua perspectiva na esteira da tradição fenomenológica, que desde Husserl procura colocar em evidência a dimensão do tempo vivido implicitamente sob a forma do “fluxo de tempo constituinte”, nas famosas preleções de 1905 (Husserl, 1969, §36 e s., p. 74 e s.). A inovadora concepção husserliana do tempo vivido teve uma marcante influência sobre a tradição fenomenológico-existencial, produzindo diferentes desdobramentos em suas múltiplas heranças, como podemos perceber na definição da temporalidade “como sentido ontológico da preocupação” em *Ser e Tempo* (Heidegger, 2012, §65, p. 881-900); na diferenciação entre temporalidade original e temporalidade psíquica em *O ser e o nada* (Sartre, 1943, p. 185-207); na definição do tempo como campo de presença e afetação de si por si, na *Fenomenologia da Percepção* (Merleau-Ponty, 1945, p. 480-495); como autoafetação na *Essência da Manifestação* (Henry, 2003, §24, p. 227-240); ainda, a título de resposta a essa tradição, como uma relação ao inassimilável e absolutamente outro (Levinas, 2014).

A diferença entre o tempo implícito e o tempo explícito é próxima à distinção entre o corpo vivido, ou *Leib*, e o corpo fisiológico, ou *Körper* (Fuchs, 2005, p. 195). No artigo

*Temporalidade implícita e explícita*, Fuchs (2005) sustenta que o tempo implícito é vivido de *modo tácito*, como o tempo que transcorre durante o desempenho de atividades diárias, enquanto o tempo explícito aponta para uma transformação do corpo em objeto de atenção, por exemplo, quando oferece resistência ou quando é utilizado deliberadamente como um instrumento. “A temporalidade implícita e o desempenho tácito do corpo são quase sinônimos: o tempo vivido pode ser considerado uma função do corpo vivido, aberto por sua potencialidade e capacidade”. (Fuchs, 2005, p. 196). Quanto mais estamos envolvidos em nossas tarefas diárias, mais esquecemos o tempo que passa e o corpo, no sentido de que “estamos no tempo”. Por outro lado, na temporalidade explícita, o corpo é ele mesmo percebido de modo objetual e explícito. Por exemplo, ao adoecermos, experimentamos o nosso corpo não como um meio tácito, mas como um objeto ou mesmo obstáculo, “enquanto notamos a desaceleração do tempo e podemos até mesmo nos sentirmos excluídos do movimento da vida”. (Fuchs, 2005, p. 196). Ou seja, se pensamos tanto a encarnação quanto a temporalidade, ambas têm uma estrutura paralela de funcionamento em dois planos: *plano de fundo – primeiro plano*.

Com isso, podemos colocar em evidência a tese central de Fuchs: enquanto a temporalidade implícita é caracterizada pela sincronização com os outros, a temporalidade explícita surge nos estados de dessincronização (aceleração ou retardo). “É principalmente por discrepâncias ou separações de outros para quem nosso tempo de vida é principalmente relacionado que experimentamos a irreversibilidade e a regra do tempo”. (Fuchs, 2005, p. 196). Nesse sentido, a temporalidade explícita mostra-se conectada frequentemente ao descontentamento, ao desconforto ou sofrimento. Fuchs apresenta neste artigo um quadro ao qual ele recorrerá com frequência ao se referir às duas direções de sofrimento por dessincronização do tempo: a aceleração e a desaceleração (2005, p. 197 e, com pequenas alterações, em 2013, p. 83; 2019, p. 434). A aceleração do tempo pode ser experimentada progressivamente como impaciência, pressão do tempo, agitação disfórica ou mania. Somente na mania eufórica a assincronia entre o tempo individual e o social não é sentida como desagradável pelo paciente. Por outro lado, o tédio, a fadiga, a culpa, o luto e a melancolia causam crescente sofrimento, sobretudo na melancolia grave, que pode chegar a uma completa dessincronização ou desacoplamento do tempo intersubjetivo (2005, p. 196).

A temporalidade é vivida de forma implícita sob o modo de uma sincronidade corporal com o tempo do mundo. Uma tese semelhante foi especialmente desenvolvida por Straus, na relação entre o tempo do eu e o tempo do mundo (1960) e Minkowski, quando tratou relação entre o tempo

vivido e o contato com a realidade (1995). No entanto, a perspectiva de Fuchs nos faz avançar em direção a uma compreensão fenomenológica da sincronia e da dessincronização do tempo vivido, envolvendo especialmente a afetividade, o corpo vivido e, a partir destes, a intersubjetividade. O grande passo dado por Fuchs está em considerar o tempo intersubjetivo não como uma ordem modal de passado, presente e futuro, mas como uma *ordem relacional entre o os processos individuais e sociais*, implicando simultaneidade ou assincronia com relação a outras pessoas relevantes. Enquanto a temporalidade implícita se caracteriza pela sincronização com os outros, a temporalidade explícita surge nos casos de dessincronização.

No artigo *Temporalidade e psicopatologia* (2013), Fuchs explora a diferença entre a temporalidade implícita e explícita, acrescentando um elemento importante à descrição do tempo implícito e do tempo explícito. O tempo de vida é o movimento da própria vida, a experiência implícita de estar envolvido em uma atividade, como a experiência da criança envolvida em seu jogo, direcionado para seus objetivos imediatos. O tempo vital é inerente ao compromisso corporal da pessoa em uma situação específica. Nem o passado nem o futuro se destacam da existência pré-reflexiva. Em seu modo implícito ou vivido, a temporalidade tem dois pré-requisitos (2013, p. 77). O primeiro é a *continuidade básica* da consciência com tal em seu fluxo. O segundo é o *impulso básico ou energético da vida mental*, que pode ser expresso como pulsão, esforço, desejo ou afeto, o qual Fuchs chama de *momento afetivo-conativo* (2013, p. 78), questão que se tornará central igualmente na abordagem de Racliffe (2015, p. 186-188).

A experiência explícita da temporalidade se sobrepõe ao modo implícito, quando a temporalidade vivida é interrompida de forma repentina, pelo choque, pela surpresa, pelo espanto, por uma pontada de decepção ou vergonha, pela ruptura de uma relação interpessoal ou perda dolorosa. Nesses momentos, a temporalidade vivida sustenta uma fenda, de modo que o “agora” e o “não mais” são desconectados e criam uma segmentação no próprio tempo (Fuchs, 2013, p. 78). Por essa razão, a experiência explícita do tempo contém frequentemente um elemento de desprazer ou sofrimento. O que até então tinha sido vivido como um *continuum*, agora se separa do presente e se transforma em um passado recordado. Essas experiências do “não mais” tendem a ser dolorosas e a consciência do passado é acentuada desde a infância, especialmente através de perdas e decepções. O novo ponto desenvolvido por Fuchs em *Temporalidade e psicopatologia* coloca em relevo a

importância do momento afetivo-conativo, através da intersubjetividade, para o fluxo do tempo implícito.

Quando Minkowski tratou em *O tempo vivido* de um elã pessoal no contato com a realidade, em termos de sincronicidade vivida, ele descreveu algo como uma *contemporaneidade básica* (1995, p. 34 e s). Para Fuchs, “essa contemporaneidade afeta até o movimento básico da vida”. (2013, p. 82). O momento conativo não é uma força individual ou solipsista, está sempre incorporado nas relações sociais com os outros. Prova disso é o exemplo dado por Fuchs (2013, p. 82), da descoberta de Spitz e Bowlby, segundo a qual os bebês institucionalizados, ao serem privados de relacionamento de apego, caem em profunda apatia e depressão, podendo chegar ao ponto de morrer por causa de infecções menores.<sup>5</sup> Ou seja, pode-se dizer que essas crianças perderam sua conexão psicofisiológica, a força vital que os direciona para o futuro (2013, p. 82). A pesquisa infantil mostrou como esse contato interpessoal molda a experiência principal da criança: a comunicação entre o bebê e mãe (ou cuidador) é caracterizada por interações rítmico-melódicas, ressonância recíproca de expressões faciais e gestos e pela afinação retornante do afeto – *wiederkehrende Affektabstimmung*. (Fuchs, 2018, p. 57). O contato cotidiano com os outros envolve uma constante afinação da comunicação emocional e física, um “balanço” ou uma resposta.

A partir dessa perspectiva, Fuchs inicia uma análise da depressão como uma *dessincronização conativa*. Na depressão melancólica propriamente dita, o tempo se torna explícito a tal ponto que se transforma em uma carga constante de culpa e omissão. O tempo chega a ser reificado, a ponto de se tornar uma facticidade irreversível no passado, de um lado, e um futuro inevitável e predeterminado, de outro. Em geral essas duas faces da reificação do tempo podem ser verificadas na culpa e na autorreprovação em relação ao passado e na perda de esperança relativamente ao porvir.

Em geral, nas queixas depressivas, a perda de esperança ganha expressão. Quando Tellenbach faz menção no livro *Melancolia ao desespero* (como alternância e impossibilidade de decisão) ao invés de *desesperança* (1974, p. 144), temos de lembrar que ele se refere de modo técnico a casos graves de melancolia ou de depressão melancólica. O ponto culminante psicótico dessa forma de experiência melancólica ocorre nos delírios de culpa indelével ou morte iminente, indicando que

---

<sup>5</sup> Cf. Spitz, 1945, p. 70 e cf. Bowlby, 1982, p. 296.

estamos lidando com uma perturbação mais profunda, da própria temporalidade constitutiva (Fuchs, 2013, p. 95). Por outro lado, a incoerência e o bloqueio de pensamento na esquizofrenia possuem diferenças em relação à inibição e à perturbação da temporalidade. Tellenbach (1974) procurou explorar esses aspectos através dos conceitos de *estagnação* e *remanência*, ou no conceito dimensional de uma *perturbação do desenrolar do tempo*. No entanto, para autores como Tellenbach ou Kraus, a patologia do tempo depressivo aparece como uma inibição da temporalização individual em primeiro lugar. Para Fuchs, ao contrário, há dois níveis de interpretação que descrevem a depressão, por um lado como resultado de uma dessincronização intersubjetiva, por outro como distúrbio da conação ou inibição vital (2013, p. 95).

Em outros termos, o transtorno depressivo corresponde a uma transformação da dessincronização intersubjetiva e existencial em uma dessincronização biológica. A perturbação da temporalidade intersubjetiva seria como um “ponto de comutação” que provoca uma reação de todo o organismo, ou seja, uma desaceleração psicofisiológica, a qual atinge finalmente os ritmos vitais, levando a uma perda de impulso, apetite, libido, interesse e atenção (Fuchs, 2013, p. 96). Esses aspectos são vividos como redução da dinâmica conativo-afetiva da temporalidade implícita. A perda conativa manifesta-se como inibição psicomotora, ou seja, como desaceleração do tempo vital, assim como de uma rigidez crescente do corpo vivido, que se faz sentir como peso, exaustão, opressão, ansiedade e restrição geral.

Mais recentemente, no artigo *Cronopatologia da sobrecarga* (2018), Fuchs agrega ainda um último aspecto fundamental para o entendimento da depressão como *patologia do tempo*, ou para uma *cronopatologia da depressão*, (cf. 2018, p. 71-73). Além da diferenciação entre a temporalidade explícita e implícita, bem como dos pré-requisitos para esta última – o fluir contínuo e o momento afetivo-conativo – é essencial para o entendimento da sincronicidade do tempo intersubjetivo a explicitação dos *tempos circular e linear*.

A estrutura temporal dos sistemas vivos é caracterizada por dois aspectos: sincronização e ciclicidade (Fuchs, 2018, p. 56-57). Por um lado, há uma ressonância contínua entre ritmos ou tempos orgânicos e exógenos, ou seja, uma sincronização com o periódico de dia, mês e ano. O ciclo sono-vigília de 24 horas é o resultado de uma sincronização entre temporizadores endógenos e exógenos. Por outro lado, os processos biológicos do metabolismo e a manutenção da homeostase são basicamente de natureza cíclica ou rítmica. Eles são caracterizados pela alternância periódica de

ingestão e excreção, gasto e regeneração, vigília e sono e os ciclos hormonais, de temperatura e de energia correspondentes, incluindo o ciclo menstrual feminino. Também encontramos compensações periódicas em todos os estados recorrentes de falta, necessidade, desejo e satisfação, como fome, sede, movimento ou desejo sexual. Todos esses fenômenos mostram que o principal, o vital ou as vivências pré-reflexivas ocorrem não de maneira linear, mas periódica e cíclica, desde que essa experiência não seja sobreposta pela referência explícita e reflexiva ao futuro e ao passado a longo prazo.

Tellenbach explorou essa questão quando tratou daquilo que ele chamou de *endon*, campo existencial transsubjetivo que se distingue do somatógeno e do psicógeno (1974, p 188), mas encontramos em Fuchs uma nova esfera de reflexão: a da sincronicidade com os ciclos periódicos naturais e culturais, através da relação entre as duas esferas de tempo, o circular e o linear (Fuchs, 2018, p. 57). A tese de Fuchs é que o momento cíclico corresponde à característica do tempo para as culturas pré-modernas. Tradições, rituais e mitos incorporam o presente em um passado repetido ciclicamente e abrangendo a ordem coletiva do tempo. Na modernidade, um novo conceito de tempo, reflexivo, se desenvolve, que desde então tem dirigido os processos sociais e a conscientização dos indivíduos das culturas ocidentais, cada vez mais determinados pela “seta” do tempo linear (2018, p. 60-61). Nesse ponto a abordagem de Fuchs aproxima-se bastante das análises produzidas por Hartmut Rosa.

A característica de nossa sociedade contemporânea é que ela nos coloca diante de impasses entre o tempo circular e o tempo linear, no núcleo das relações intersubjetivas. Processos de sincronização, dessincronização e resincronização espelham a harmonia, o conflito e a estabilidade recuperada em diversos momentos das relações sociais. Nesse sentido, a depressão pode ser entendida como “uma dessincronização geral entre o organismo e o meio ambiente” (Fuchs, 2018, p. 71), que afeta o nível fisiológico, por exemplo, através dos distúrbios do ritmo sono-vigília, dos níveis hormonais, temperatura e períodos de atividade, além do impulso, apetite e libido. No entanto, a dessincronização depressiva afeta o próprio *tempo intersubjetivo*. As pessoas deprimidas não despertam mais no tempo, retiram-se das obrigações sociais e têm um sentimento permanente de terem sido esquecidas e excluídas. “O corpo pesado e congelado também perde sua ressonância corporal-afetiva: os pacientes não são mais capazes de serem tocados e afetados por outras pessoas ou situações emocionais.” (Fuchs, 2019, p. 71). Ou seja, a depressão é caracterizada por uma

dissociação ou dessincronização mais ou menos pronunciada do tempo social comum. Em resumo, a ordem do tempo intersubjetiva pode ser descrita como a relação entre processos individuais e sociais, caracterizados por sequências recorrentes de sincronizações e dessincronizações. Discrepâncias com o presente comum requerem processos específicos de ressincronização através dos quais os indivíduos recuperam a conexão com o tempo intersubjetivo. Embora a ressincronização no nível biológico seja alcançada através do relaxamento, sono e satisfação instintiva, no nível psicossocial eles consistem em recuperar o atraso, compensar negligências, compensar ou renegociar reivindicações e fechar negócios inacabados, seja através de luto, arrependimento, reconciliação ou processos similares (Fuchs, 2019, p. 59).

Justamente porque pacientes deprimidos não compartilham o tempo geral, eles não conseguem mais sincronizar o tempo e caem diante do domínio do tempo linear – *Herrschaft der linearen Zeit* (Fuchs, 2019, p. 72). O adoecimento que atinge a vivência temporal produz uma dessincronização e pode levar a um *transtorno da identidade*, como demonstra Jérôme Englebert a partir da análise do caso clínico (2013, p. 113-119). Na depressão, o tempo não se experimenta mais ciclicamente, ele é experienciado como uma sucessão vazia, uma sequência homogênea de momentos indiferentes que se desenrolam uniformemente, cujas implicações se fazem perceber nas esferas afetiva, corpórea e intersubjetiva.

### Considerações finais

A renovação das pesquisas fenomenológicas no campo da psicopatologia tem-se mostrado frutífera, especialmente em áreas consideradas complexas como é o caso da depressão. Não obstante os progressos da psicofarmacologia, da neurologia e da neurociência, é notável como essas áreas não conseguem unicamente através delas mesmas proporcionar uma descrição satisfatória do adoecimento depressivo. Pesquisadores do campo das ciências sociais e da psicopatologia fenomenológica trouxeram nos últimos anos inúmeros aportes sobre essa patologia que se tornou um traço de nossa época.

Duas abordagens consolidadas nas ciências sociais e que nos conduzem à nervura do problema da depressão são aquelas que encontramos em Hartmut Rosa e Alain Ehrenberg. Sem qualquer pretensão de esgotar o tema, propusemos uma análise de suas considerações sobre a

aceleração social e a flexibilização normativa na contemporaneidade como um eixo macrossocial de análise sobre o fenômeno cada vez mais presente e multiforme que é o adoecimento depressivo. Com base em suas análises, foi possível identificar a depressão como patologia da indeterminação e da pressão aceleratória, mas que demanda ainda por uma descrição mais apurada.

É no campo da psicopatologia fenomenológica que se encontra, atualmente, a abordagem mais aprofundada das descrições das vivências depressivas no campo da psiquiatria e da psicopatologia. Tomamos como referência alguns dos mais importantes artigos de Thomas Fuchs sobre o tema, a fim de mostrar a atualidade e a pertinência de sua abordagem, que abre espaços importantes de diálogo não apenas com as ciências sociais, mas também com a psiquiatria. A depressão apresenta-se como um modo de adoecimento marcado pela patologia do tempo, produzindo alterações afetivas, corpóreas e da própria interação intersubjetiva.

### REFERÊNCIAS:

- BINSWANGER, Ludwig. **Mélancolie et Manie – Études phénoménologiques**. Trad. francesa Jean-Michel Azorin e Yves Totoyan, revista por Arthur Tatossian. Paris: P.U.F., 1987.
- BOSS, Medard. **Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial**. 3ª ed. Trad. Bárbara Spanoudis. São Paulo: Duas Cidades, 1987.
- BOWLBY, John. **Attachment and Loss**. Vol. 1 – Attachment. 2ª ed. Londres: Tavistock, 1982.
- CASTRO, Fabio Caprio Leite de. “A *fatiga de ser si mesmo e o individualismo contemporâneo em Alain Ehrenberg*”. CASTRO, Fabio Caprio L. de; MARQUES, Cristian. **Ensaio sobre a depressão – A perda de sentido de si e o mal-estar na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Fi, p. 141-174, 2019.
- CHARBONNEAU, Georges. **Introduction à la Psychopathologie Phénoménologique**. Tomo II. Paris: MJW Fédition, 2010.
- EHRENBERG, Alain. **L’individu incertain**. Paris: Hachette, 1995.
- EHRENBERG, Alain. **La fatigue d’être soi – Dépression et Société**. Paris : Odile Jacob, 1998.
- EHRENBERG, Alain. **La société du malaise**. Paris: Odile Jacob, 2010.
- EHRENBERG, Alain. **Le culte de la performance**. Paris: Hachette, 1991.

- ENGLEBERT, Jérôme ; CORMANN, Grégory ; ADAM, Christophe (Org.). **Psychopathologie phénoménologique – Dépassement et Ouverture**. Volume 1. Paris: Le cercle herméneutique, 2019a.
- ENGLEBERT, Jérôme ; CORMANN, Grégory ; ADAM, Christophe (Org.). **Psychopathologie phénoménologique – Dépassement et Ouverture**. Volume 2. Paris: Le cercle herméneutique, 2019b.
- ENGLEBERT, Jérôme. **Psychopathologie de l’homme en situation – Le corps du détenu dans l’univers carcéral**. Paris: Hermann, 2013.
- FUCHS, Thomas. “*Chronopathologie der Überforderung. Zeitstrukturen und psychische Krankheit*”. FUCHS, Thomas ; IWER, Lukas ; MICALI, Stefano (Org.). **Das überforderte Subjekt – Zeitdiagnosen einer beschleunigten Gesellschaft**. Berlin: Suhrkamp, p. 52-79, 2018.
- FUCHS, Thomas. “*Implicit and Explicit Temporality*”. **Philosophy, Psychiatry, and Psychology**, v. 12, n° 3, p. 195-198, 2005.
- FUCHS, Thomas. “*Temporality and psychopathology*”. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, v. 12, n° 1, p. 75-104, 2013.
- FUCHS, Thomas. “*The experience of time and its disorders*”. STANGHELLINI, Giovanni; BROOME Matthew; FERNANDEZ, Anthony Vicent *et al.* (Org.). **The Oxford Handbook of Phenomenological Psychopathology**. Oxford: Oxford University Press, p. 431-441, 2019.
- FUCHS, Thomas; IWER, Lukas ; MICALI, Stefano (Org.). **Das überforderte Subjekt – Zeitdiagnosen einer beschleunigten Gesellschaft**. Berlin: Suhrkamp, p. 52-79, 2018.
- GEBSATTEL, Viktor Emil von. **Imago Hominis – Contribuciones a una Antropología de la Personalidad**. Trad. espanhola Beatriz Romer. Madrid : Gredos, 1969.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Edição bilíngue – alemão/português. Trad. Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HENRY, Michel. **L’essence de la manifestation**. 3<sup>a</sup> ed. Paris: P.U.F., 2003.
- HUSSERL, Edmund. “*Die Vorlesungen aus dem Jahre 1905*”. **Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins (1893-1917)**. **Husserliana** – Volume X. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1969.
- LEVINAS, Emmanuel. **Le temps et l’autre**. Paris: P.U.F., 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.
- MINKOWSKI, Eugène. **Le temps vécu – Études phénoménologiques et psychopathologiques**. 3<sup>a</sup> ed. Paris : P.U.F., 1995.
- NOYS, Benjamin. **Malign Velocities – Accelerationism and Capitalism**. Winchester: Zero Books, 2013.
- PETITOT, Jean; VARELA, Francisco; PACHOUD, Bernard; ROY, Jean-Michel. (Org.). **Naturalizing phenomenology – Issues in contemporary phenomenology and cognitive science**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

- RATCLIFFE, Matthew. **Experiences of depression – A study in phenomenology**. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. Trad. Rafael Silveira. São Paulo: Unesp, 2019.
- ROSA, Hartmut. **Resonanz – Eine Soziologie der Weltbeziehung**. Berlin: Suhrkamp, 2016.
- SARTRE, Jean-Paul. **L'Être et le néant – Essai d'ontologie phénoménologique**. Paris : Gallimard, 1943.
- SHAVIRO, Steven. **No speed limit – Three essays on Accelerationism**. Minneapolis: Minnesota Press, 2015.
- SPITZ, Rene A. “Hospitalism, an inquiry into the genesis of psychiatric conditions in early childhood”. **The Psychoanalytic study of the child**, v. 1, nº1, p. 53-74, 1945.
- SPITZER, Robert. “Introduction”. **AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-III – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. Washington: APA, p. 1-12, 1980.
- STRAUS, Erwin. “Das Zeiterlebnis in der endogenen Depression und in der psychopathischen Verstimmung”. **Psychologie der menschlichen Welt. Gesammelte Schriften**. Berlin: Springer, p. 126-140, 1960.
- TATOSSIAN, Arthur. “Depressão, vivido depressivo e orientação terapêutica (1983)”. TATOSSIAN, Arthur; MOREIRA, Virgínia. (Org.). **Clínica do Lebenswelt – Psicoterapia e psicopatologia fenomenológica**. Trad. Juliana Pita, Lucas Bolc, Thabata Telles e Virginia Moreira São Paulo: Escuta, p. 109-129, 2012.
- TELLENBACH, Hubertus. **Melancholie – Problemgeschichte, Endogenität, Typologie, Pathogenese, Klinik**. 2ª ed. Berlin: Springer, 1974.
- TÜRCKE, Christoph. **Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção**. Trad. José Pedro Antunes. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- WILLIAMS, Alex; SRNICEK, Nick. “Accelerate: Manifesto for an Accelerationist Politics,”. MACKAY, Robin; AVENASSIAN, Armen (Org.). **Accelerate: The Accelerationist Reader**. Falmouth: Urbanomic, p. 349-362, 2014.